

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Liberal Class.: 23

Data 27/04/85 Pg.: _____

4468 (Lucio Flavio Pinto)

Nova Amazônia (1)

Nova República significa Nova Amazônia? Não necessariamente. O Brasil foi redemocratizado em 1945 e começou a funcionar sob uma Constituição liberal um ano depois, mas novos tempos só apareceram em 1953, com a criação da SPVEA (substituída em 1966 pela Sudam).

Era a experiência de planejamento regional começando pela fronteira de recursos naturais, mas os centros hegemônicos do país não estavam ainda interessados na Amazônia. Juscelino Kubitschek ativava a máquina de produção substituindo as importações (e introduzindo em nosso mercado os agentes dessa importação), o que garantia pleno emprego e estimulava a abertura de novas frentes econômicas pelo centro-sul mesmo. Daí os 3% do orçamento federal, reservados teoricamente à Amazônia, nunca terem passado de promessas.

É claro que a consolidação de um regime representativo, parlamentar, pluralista e aberto é peça fundamental de um esquema mais justo para a região. De outra maneira, como poderíamos, minoritários em termos econômicos, políticos e demográficos, influir sobre decisões nacionais?

No entanto, isto não basta. Simultaneamente à luta de toda a Nação para resolver os problemas gerais dos brasileiros, os amazônidas — como os nordestinos — têm a sua questão regional. Há várias outras questões regionais a tratar em um país de dimensões continentais como o Brasil, mas a Amazônia tem a sua especificidade própria. Ela apresenta semelhanças com problemas vividos por outras regiões, situadas dentro e fora de nossas fronteiras, o que deve animar os estudos comparativos e a troca de experiências. Mas possui também situações sem similitude.

Descobri-las, revelá-las e enquadrá-las deve ser a mais importante contribuição dos

centros de pesquisa e de produção do saber aqui estabelecidos. Obviamente, a tarefa não deve ser cumprida à custa de um bitolamento provinciano, do regionalismo cego. É até domesticamente demonstrável que quanto mais as portas da percepção se abrem para o mundo externo, tanto melhor é a compreensão do mundo interno, se não estivermos levitando intelectualmente. Estruturas complexas explicam estruturas mais simples, ensinava o famoso filósofo alemão.

Por isso mesmo, tais centros devem estar em dia com as contribuições mais modernas da técnica e da ciência, embora sem se deixar seduzir pelos encantos de um cosmopolitismo vazio que não estamos em condições de poder pagar. O equilíbrio entre as duas posições é alcançado não apenas através de competência profissional, mas também com custos econômicos. Como estamos carentes de ambos os fatores (o que não deve servir de habeas corpus para a manutenção de muitas inutilidades protegidas pelo argumento da falta de verbas), é natural o atual desequilíbrio. Natural, mas não um dado eterno, imutável.

A revisão que se exige para a Amazônia não se esgota na criação de uma tecnologia mais eficiente, mais adaptada ao meio ambiente, mais coerente com a paisagem social onde será empregada. Certas instituições sofrem desse desvio cientificista, que reduz o homem a um laboratório, ignorando a complexa teia de elementos sociais e políticos.

A revisão tem que considerar, a par dos problemas comuns da estrutura nacional, a situação de dependência específica da Amazônia, sua condição de colônia de centros por sua vez periféricos de sistemas ainda mais centrais. Integramos uma economia que nos faz colônia interna, sem ela própria dispor de autonomia

decisória. Há situações em que aparecemos como explorados de um desses níveis de dominação, mas há também condições de dupla subordinação.

Enquadrar esses problemas regionais acarreta muita complicação teórica. Para alguns intérpretes, não há a questão regional senão como subproduto da questão nacional, solucionável por meio de medidas que atinjam a globalidade do sistema como um todo. Para os historicistas, crenças na existência de um sentido evolutivo no curso do processo histórico, a passagem de um sistema para o outro só se dará quando a realidade anterior tiver chegado à maturação e esgotado as possibilidades de recuperação de suas crises cíclicas. Outros não apenas acreditam em rupturas feitas independentemente desse processo evolutivo "natural", como estão empenhados em promover tais mudanças.

Os centros de vanguarda das ciências humanas e sociais deveriam aprofundar a reflexão da temática, que não está consolidada. Evidentemente, ela não cabe em uma coluna de jornal. Fica registrada apenas para mostrar que sua existência não é desconhecida. Entretanto, pessoalmente sou dos que vêem certa autonomia e, de qualquer maneira, decisiva importância na questão regional.

Nós, que moramos em uma região como a Amazônia, da mesma maneira como os habitantes do sul da Itália, temos razões existenciais até para nos dedicarmos a ela. Da mesma maneira, um camponês siberiano não deve ter ficado satisfeito com a "solução" que lhe foi imposta pelos bolcheviques. A "Grande Rússia" czarista os imobilizou no atraso, enquanto a modernização coletivizante soviética os expurgou da parceria no novo sistema. Vivendo no momento de instauração da Nova República, temos o dever de imprimir nela a nossa marca, ou haverá pouca novidade para nós.